

APRESENTAÇÃO

DESAFIOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO TEATRO ACESSÍVEL – ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL DE TEATRO MARTINS PENA

<https://orcid.org/0000-0001-9049-5200>  Denize Sepulveda^A
<https://orcid.org/0000-0003-4460-7704>  Jose Antonio Sepulveda^B
<https://orcid.org/0000-0003-4206-358X>  Renan Corrêa^C
<https://orcid.org/0009-0001-8713-0822>  Alanes Ayssan^D

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^B Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

^C Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

^D Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

denizesepulveda@hotmail.com

O dossiê intitulado "Desafios da Formação Profissional no Teatro Acessível" foi inspirado no evento denominado "III Encontro Dialógico – Teatro Acessível: Desenvolvendo e Fortalecendo Parcerias", realizado em 2023 pela centenária Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena, unidade vinculada à Rede Fundação de Apoio à Escola Técnica – Faetec, que naquele ano completou 115 anos de sua fundação, em parceria com o Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro, com apoio da ONG Escola de Gente - Comunicação em Inclusão.

No ano de 2008 a Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena completou cem anos de existência, tornando-se a mais antiga escola de teatro da América Latina em atividade. A sua história foi marcada por muitos percalços, e, nessa última década, esteve para fechar suas portas definitivamente. Entretanto, a partir de agosto de 2006, a escola passou por uma grande mudança no intuito de resolver seus problemas: faltavam funcionários de limpeza, professores, salas e todo o material escolar necessário para as aulas. Na tentativa de solucionar tais problemas, o governo do Estado do Rio de Janeiro resolveu retirar a instituição da Secretaria de Cultura e colocá-la na Secretaria de Ciência e Tecnologia através do decreto nº 39.718 de 15 de agosto de 2006. Como a proposta do colégio é a formação técnica de atores, nada melhor do que transferi-la para a fundação fluminense responsável pela formação técnica dos jovens do



Estado, no caso, a Fundação de Apoio a Escola Técnica (FAETEC). (SEPULVEDA, 2012, p.2)¹

O encontro aconteceu no dia 19 de setembro de 2023 de 13h às 20h no teatro do Liceu de Artes e Ofícios, contando com plena acessibilidade viabilizada pela FAETEC e pela Escola de Gente, incluindo intérpretes de libras, audiodescrição e legendas.

Durante o evento, foram debatidas, junto a diferentes setores da sociedade civil, questões relativas à acessibilidade teatral em suas múltiplas dimensões. Foram abordadas as seguintes temáticas: direitos humanos, direitos da pessoa com deficiência, combate ao racismo, debate de gêneros e sexualidades, protagonismo da pessoa com deficiência, direitos culturais, cultura de acesso e legislação sobre acessibilidade. Entre os participantes, destacam-se instituições que lidam com Direitos Humanos, direitos das pessoas com deficiência, instituições que representam pessoas LGBTQIAPN+ e também aquelas que se dedicam ao direito à cultura e à cidade, estas últimas representadas por seus variados territórios.

Na ocasião ocorreu também a primeira edição da entrega da medalha Marcelo Reis que tem como objetivo homenagear personalidades que fazem a diferença no âmbito educacional de pessoas com deficiência, entre os homenageados estiveram: o professor Fernando Guilhon pelo coro cênico inclusivo, a professora Christiane Messias pelo seu trabalho no registro da memória da primeira aluna cega formada pela Martins Penna, a formanda Analú Faria que recebeu a medalha junto a orientadora pedagógica Joyce Dias, pois tal profissional esteve com ela em todos os momentos dessa jornada. A jornalista e apoiadora do encontro Claudia Werneck também recebeu a medalha pelo seu trabalho na promoção da acessibilidade para pessoas com deficiência.

No encontro além das palestras, aconteceram debates, rodas de conversa com especialistas e alunos sobre o protagonismo das pessoas com deficiência e demais grupos de

¹ Disponível em:

<https://www.yumpu.com/pt/document/view/12799975/a-centenaria-escola-ppublica-de-teatro-martins-pena-faete-c-#> Acesso em: 15/05/2025.

inclusão, também houve a apresentação de esquetes² que abordavam questões importantes, como capacitismo³, racismo⁴, LGBTQIAPN+fobia⁵, misoginia⁶, entre outras.

Considerando a relevância social e a democratização das questões discutidas nas palestras e mesas de diálogo do III Encontro Dialógico, a Revista Interinstitucional Artes de Educar formulou um convite para a publicação de uma edição dedicada ao referido evento. Este convite resultou no atual Dossiê.

Assim é com grande satisfação que apresentamos este dossiê, dedicado à Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena, instituição de reconhecida relevância histórica, artística e educacional, cuja trajetória vem se consolidando como um potente espaço de formação técnica e cidadã, em especial no que diz respeito à inclusão e à acessibilidade no ensino das artes cênicas (SEPULVEDA, 2012⁷).

² Esquete é um termo utilizado para se referir a pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas e com menos de dez minutos de duração (com tal duração, alguns autores já as consideram como peças propriamente ditas). São frequentes em programas cômicos de televisão, mas também há casos da sua utilização em vídeos da internet, no cinema ou no teatro, como, por exemplo, na comédia stand up e nos cafês-concerto. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Esquete>. Acesso em 15/05/2025.

³ O capacitismo é a discriminação ocorrida por meio de determinados tratamentos, formas de comunicação, práticas, barreiras físicas e arquitetônicas que impedem o pleno exercício da cidadania das pessoas com deficiência. O capacitismo tem este nome pois é uma forma de preconceito que foca na suposição que alguém é incapaz apenas pelo fato de possuir alguma deficiência. (BRASA, 2024). Disponível em: https://brasa.org.br/falamos-de-capacitismo-uma-cartilha-sobre-a-tematica/?gad_source=1&gad_campaignid=599835825&gbraid=0AAAAADSHcKGL3JHtZDXKbUIT4obXX2BXD&gclid=Cj0KCOjwoZbBBhDCARIsAOqMEZVqbXkjOI9DOa6NM46wCGzhnTWA6YNhaMoU-Eya6-SKwUs_kTvDiuYaAplpEALw_wcB. Acesso em: 15/05/2025.

⁴ De maneira geral o racismo está ligado à ideia absolutamente equivocada de que há diferenças externas e corporais entre os seres humanos, que manifestariam superioridade ou inferioridade de determinados grupos em relação a outros. Isso significa que o racismo estabelece uma visão de hierarquia entre raças. Raça pode ser entendida como um grupo de pessoas que possui determinadas características físicas e hereditárias em comum. Isto é, características físicas, como o formato dos olhos, a cor da pele, a cor do cabelo, entre outras. Segundo a Convenção Interamericana Contra o Racismo, racismo em sentido estrito consiste em qualquer teoria, doutrina, ideologia ou conjunto de ideias que enunciam um vínculo causal entre as características fenotípicas ou genotípicas de indivíduos ou grupos e seus traços intelectuais, culturais e de personalidade, inclusive o falso conceito de superioridade racial. O racismo ocasiona desigualdades raciais e a noção de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificadas. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/nupier/Pagina/Racismo>. Acesso em: 15/05/2025.

⁵ LGBTQIAPNfobia é a expressão usada para caracterizar qualquer tipo de intolerância, exclusão ou agressão contra indivíduos da comunidade LGBT+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queers, Intersexos, Pansexuais, Não Binários e demais identidades), motivadas por sua preferência afetiva ou pela forma como se identificam em termos de gênero. Essas agressões podem se manifestar de maneira verbal, corporal, emocional, estrutural e, em situações extremas, até com a perda da vida.

⁶ Aversão, antipatia ou repugnância por mulheres. Forma de violência contra o sexo feminino que está diretamente relacionada com a violência que é praticada contra a mulher. A misoginia é a principal responsável por grande parte dos assassinatos de mulheres, também conhecido por feminicídio. (SEPULVEDA, CORRÊA, FREIRE, 2021, p. 54). Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13KL52WzkFkQqQcercNNgs9C3kbrhx0D/view>. Acesso em 15/05/2025.

⁷ Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12799975/a-centenaria-escola-ppublica-de-teatro-martins-pena-faete-c-#> Acesso em: 15/05/2025.

A coletânea dos quatorze artigos aqui reunidos problematiza, por diversas perspectivas e com abordagens interdisciplinares, os desafios e as possibilidades de um teatro inclusivo, democrático e voltado para a transformação social. Este dossiê é um convite à reflexão crítica sobre o papel do teatro na educação formal e informal, no exercício da cidadania e na luta por direitos de populações historicamente subalternizadas.

Abrindo o dossiê, Aristóteles Meneses Lima e Fábio Garcia Bernardo, com o artigo **“Explorando as cores para além da visão: promovendo equidade na educação de estudantes com deficiência visual”**, investigam, por meio de uma pesquisa-ação, a aplicação do Código Universal de Cores em uma proposta didática voltada a estudantes cegos e com baixa visão, promovendo uma abordagem sensível e crítica do uso das cores como instrumento de inclusão e estímulo à criatividade.

Na sequência, Artur Bernardo da Rocha Batista e Jorge Felipe Fonseca Moreira apresentam **“Educação informal em cena: um estudo sobre o estado da arte do beijo gay nas telenovelas”**, um instigante estudo de revisão que analisa como o beijo entre pessoas do mesmo gênero nas novelas da Rede Globo pode funcionar como ferramenta de educação informal sobre a vivência LGBTQIAPN+ no Brasil, especialmente a partir de 2014.

Bianca Fogli e Margareth Neves de Oliveira compartilham no artigo **“Inclusão na Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena: desafios e possibilidades para construção do teatro acessível”**. A partir de uma pesquisa-ação em desenvolvimento, o texto traz contribuições valiosas sobre políticas de inclusão, acessibilidade, formação docente e protagonismo de pessoas com deficiência, a partir das vivências da escola.

Carla Figueira de Souza e Alumita dos Santos Ferreira Pereira, em **“As medidas socioeducativas e a cultura como eixo pedagógico: um estudo sobre o estado da arte”**, analisam as publicações acadêmicas que tratam da arte teatral no contexto das medidas socioeducativas, apontando limites e potencialidades da articulação entre arte-educação e os direitos de adolescentes em conflito com a lei.

O ensaio de Cristina Angélica Mascaro, intitulado **“Educação inclusiva e o ensino de teatro: caminhos a partir de práticas pedagógicas contemporâneas”**, propõe reflexões importantes sobre acessibilidade no ensino teatral e os aportes metodológicos do Desenho Universal da Aprendizagem (DUA) e do Plano Educacional Individualizado (PEI), posicionando o teatro como elemento vital na educação inclusiva.

O artigo **“Acessibilidade curricular: rompendo com as barreiras atitudinais e pedagógicas”**, de Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar, Loane Nayara de Paula Souza, Nadia

Maria Qualio e Solange Franci Raimundo Yaegashi, discute os desafios da inclusão escolar à luz do DUA e do PEI, propondo um redesenho das práticas educativas para garantir a aprendizagem de todos com equidade.

Leonardo de Carvalho Augusto, em **“Corpos soberanos na cena e na vida”**, traz um emocionante estudo baseado em entrevistas com professoras de teatro que trabalharam com estudantes com deficiência visual. O texto fala sobre o impacto transformador do ensino teatral para o desenvolvimento da subjetividade e do sentimento de pertencimento desses estudantes.

Em **“E a palhaça o que é?: a palhaçada como ferramenta de acessibilidade”**, Leticia Figueiredo dos Santos apresenta recortes de sua pesquisa de mestrado, discutindo como a arte da palhaçaria pode ser uma ferramenta crítica de acessibilidade e empoderamento, especialmente para mulheres neurodivergentes, propondo conexões entre estética, riso, gênero e inclusão.

O artigo **“Análise das políticas públicas para o teatro acessível e sua formação sob a perspectiva do materialismo histórico-dialético”**, de Quitéria Paiva Villela Santos, Adão Aparecido Molina e Conceição Solange Bution Perin, examina criticamente os entraves estruturais à efetivação do Teatro Acessível no Brasil, a partir de documentos oficiais e do pensamento brechtiano, enfatizando a centralidade da política pública na democratização do acesso à cultura.

Veronica Legentil, em **“A trajetória da pessoa com deficiência através da história”**, realiza uma análise histórica e social da luta por direitos das pessoas com deficiência, desmistificando o capacitismo estrutural e apontando a educação como ferramenta central de humanização e visibilização deste grupo.

Ricardo Marciano, Bianca Fogli, Vinicius Marques e Lucas Alves Firmino, com o artigo **“Lições para todos: a importância de um site acessível para deficientes visuais”**, relatam o processo de criação de um site acessível para o Núcleo de Arte e Inclusão, utilizando princípios da acessibilidade digital como HTML semântico, ARIA e compatibilidade com leitores de tela, propondo a web como espaço de inclusão.

Vinício Noda e Leila Pessôa da Costa, em **“Artes cênicas no processo de ensino e aprendizagem de alunos inclusivos no contexto da educação”**, discutem a eficácia dos jogos teatrais para o desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), com base no trabalho de Viola Spolin, defendendo a arte como elemento indispensável na formação docente e no desenvolvimento de práticas pedagógicas inclusivas.

Fechando os artigos do dossiê, contamos com o artigo **“Da plateia ao palco: políticas para a construção de uma escola de teatro acessível às pessoas com deficiências”**, no qual a preocupação central é identificar as bases legais e seus princípios conceituais na construção de uma proposta pedagógica de acessibilidade para uma escola de teatro acessível, que incluía a pessoa com deficiência na plateia e no palco do espaço teatral.

Este dossiê reafirma a potência da Escola Técnica Estadual de Teatro Martins Pena como espaço de formação crítica, sensível às demandas de acessibilidade e inclusão, além de laboratório criativo para novas práticas de ensino, de arte e de cidadania. Os artigos aqui reunidos abrem caminhos para pensar uma educação artística mais justa, plural e transformadora.

O Dossiê também conta com seis relatos de experiências, são eles: **Medalha Marcelo Reis: uma marca pela passagem de uma figura pública, cujo amor à arte, diversidade, educação e inclusão formaram sua existência**, de autoria de Ana Cláudia Diogo da Silva. **Memória e inclusão na centenária Escola de Teatro Martins Pena** de Christiane dos Reis Messias. **Pensando sobre acessibilidade a partir de uma experiência teatral com pessoas neurodiversas** de Fabricio Goulart Moser. **Um teatro, acessível para todos nós**, cuja autora é a vereadora Luciana Novaes. **A experiência de um professor de engenharia lecionando em um curso profissionalizante de teatro: a acessibilidade e inclusão da escola na perspectiva do professor**, de Marcelo Longo Freitas Mandarino. **Coro cênico inclusivo: inovações, ideias e surpresas na inclusão de pessoas com deficiência visual**, de Fernando Guilhon.

Contamos igualmente com 3 resenhas, são elas: **Além das barreiras: um mergulho no teatro acessível** da autora Jeniffer Furtado Dias. **Entre gritos e resistências: a potência da educação nas (r)existências de corpos dissidentes em o diabo em forma de gente** de autoria de Renan Corrêa. **Emancipação social e exclusão no cotidiano escolar: a homofobia e sua influência nas tessituras identitárias**, cujo autor é José Antonio Sepulveda.

No encerramento do Dossiê apresentamos o manifesto intitulado: **Manifesto da Arte Inclusiva** da autora Paula Wenk.

Na sessão de demanda contínua a Revista Interinstitucional Artes de Educar apresenta sete artigos. **A história da educação fluminense nos estudos da professora Haydée Figueirêdo** de Karyne Alves dos Santos, **Ignorância, redes sociais e a universidade (escola): o negacionismo e uma pseudo horizontalidade no debate** de André Luiz Bernardo

Storino, **O recreio como campo de disputas: marcadores de diferença e práticas de exclusão no cap-uerj** de Izabelly dos Santos Santana e Ana Patrícia da Silva, **Processos de inclusão do sujeito surdo no contexto da escola comum: análise das cenas da série crisálida** de Cláudia de Arruda Sarturi e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, **Reflexões sobre a possibilidade de um cotidiano escolar descolonizado** de Leandro de Carvalho Moraes, Marco Aurélio da Conceição Correa e William Mathias Moreira, **Omissões, heranças e vestígios: implicações ideológicas da branquitude no vestibular interno da UFJF** de Maria Rita Reis dos Anjos Souza e Hiago Gonçalves Dias do Nascimento, por fim, **Semeando saberes africanos: descolonizando a matemática na educação básica** de Júlio Omar Silva Lourenço, Bruno de Andrade Pinto Monteiro e Fabiana de Freitas Poso.

Desejamos a todos que mergulhem nessa experiência do Teatro Inclusivo e tenham uma excelente leitura!

Para finalizar essa apresentação trazemos a poesia da aluna Rejane Barcelos da Silva da ETET Martins Pena. Afinal num Dossiê sobre Teatro Acessível nada melhor que terminar com uma poesia!

Pensamento bipolar

Vocês sabiam que a bipolaridade é uma condição genética? Um problema sem cura e com tratamento nem sempre eficaz? E é basicamente uma inflamação no cérebro que deixa tudo em curto circuito e que ocasiona a perda de neurônios e com o tempo provoca lesões cerebrais causando problemas de aprendizagem, perda de memória, falhas cognitivas e demência?

Todos os dias quando acordo é encarar o espelho.

Viver a vida nua e crua, apertar o cinto da montanha russa.

Respirar e saber que tudo que sobe um dia tem que descer.

Tudo que sobe um dia vai descer.

Se bipolar é ter uma montanha russa descompensada dentro de si.

Burlar o ócio e os demônios que se agitam.

Ergo a cabeça e lambo minhas próprias feridas.

Encarando o precipício e o labirinto a cada dia.

Só por hoje comemoro o meu dia.

Os olhares que me encaram recheados de ódio.

Muitas vezes carreguei meu mundo nas costas e aprendi a lidar com as minhas incapacidades.

Ser bipolar é querer viver a vida toda em 24 horas porque você sabe que quando acordar, você vai querer morrer.

O bipolar não tem o amanhã, pois o amanhã não vai chegar, não da mesma forma que o hoje, amanhã ele será outra pessoa. Ser bipolar é se desgastar muito com o pouco e pouco como muito, é andar na contramão do mundo.

Ser bipolar e saber que tudo é absurdamente transitório, é conviver com a solidão de relações frágeis, é viver a margem, laços feitos nos momentos de euforia, se rompem nos momentos de depressão, é ver as pessoas te tratando bem por educação, ninguém se estreita, pois sempre deixam livre uma rota de fuga, para sair ao primeiro sinal.

É ver o mundo girando sem você, ou querer girar mais rápido que o mundo. É ser segregada do rolê, resenha, churrasco de família, é aceitar que você é chata, inconveniente, difícil ou motivo da piada, e a vergonha alheia?

É ser sempre a última opção pra tudo, é ser o transtorno.

O diagnóstico foi a peça que faltava no quebra cabeça antes dele eu era só um jogo incompleto, sem eira nem beira, um parafuso nessa engrenagem que sou eu, eu ainda "funcionava".

Saber que sou bipolar e TDAH me encaixou no mundo, me pôs no meu eixo, me deu existência.

Saber quem eu sou é me tratar para melhorar minha condição, a de quem me ama e nunca me abandonou, me fez parar de me ver como um erro e devolveu minha humanidade e me ama como sou.

Aprender a respeitar meus limites e aprender a viver como bipolar e TDAH é um desafio que vou vencendo aos poucos. Aprendendo a respirar nas crises, ficar atenta nas mudanças, ver

beleza em se dedicar ao que ama, não se resignar ao que não gosta. Esquecer o que não interessa, pedir explicação ao que não se entende, sabendo que minha condição não me define, e dar uma escapada da realidade nem é de todo mal, afinal quem aguenta essa realidade sem delírios?

Meu diagnóstico me caracteriza mas não me define e tá tudo bem! Me trato, me zelo, me cuido, se as pessoas acham isso bom ou ruim isso não me interessa, sou grande demais para caber em caixas ou painéis, não há receita que me cozinhe.

Tudo que eu fui e sou cada vez que eu acordo, tudo que já realizei e o ser humano que sou, foi o que eu pude ser com uma inflamação cerebral! Tudo que realizei foi com uma quantidade de neurônios a menos. Vocês entendem o que é isso?

Quem no meu lugar viveria esperando a demência chegar? Mas enquanto ela não vem eu sigo, bem ou mal, certa ou errada, vivendo minhas pequenas felicidades hipomaniacas e apagando incêndio na depressão. Sempre ouvi que eu era louca. "A Rejane é doida" é uma frase que eu sempre ouvi e quer saber? Sou mesmo!

Ser bipolar é ver as pessoas te tratando bem por educação, ninguém se estreita, pois sempre deixam livre uma rota de fuga, para sair ao primeiro sinal.

É ver o mundo girando sem você, ou querer girar mais rápido que o mundo. Ou o motivo da piada, a palhaça do rolê, o assunto da chacota e a vergonha alheia? É ser sempre a última opção pra tudo.

Podem acreditar, eu luto diariamente para não ser eu, sem sucesso.

E aos poucos, apenas obrigada por não desistir de mim. E desculpa qualquer coisa!

Referências:

SEPULVEDA, Denize; CORRÊA, Renan; FREIRE, Priscila. Gêneros e sexualidades: noções, símbolos e datas. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Dos Autores, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/13KL52WzkFkQqQocereNNgs9C3kbdrhx0D/view>. Acesso em 15/05/2025.

SEPULVEDA, José Antonio. A centenária escola pública de teatro Martins Pena. Revista Científica Digital da Faetec, 2012. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12799975/a-centenaria-escola-ppublica-de-teatro-martins-pena-faetec-#> Acesso em: 15/05/2025.